

Carla Dias

A

Os estranhos

1ª edição
São Paulo, 2009

[*sic*]

Produção editorial Debora Barbieri (coord.)
Juliana Garcias
Beatriz Garcias
Isabela Berger

Assistência editorial Mônica Suguiyama

Revisão Marina Zamora Domingues
Nanci Ricci

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dias, Carla

Os estranhos / Carla Dias. – São Paulo : Sic
Artes Gráficas, 2009.

1. Romance brasileiro I. Título.

09-06946

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura brasileira 869.93



*À minha mãe, Alzira, que sempre encontrou nas diferenças não
a estranheza, mas sim a riqueza e a pluralidade.
Dedico com amor, admiração e respeito.*





“Não tenho o sol escondido
no meu bolso de palavras.
Sou simplesmente um homem
para quem já a primeira
e desolada pessoa
do singular — foi deixando,
devagar, sofredamente
de ser, para transformar-se
— muito mais sofredamente —
na primeira e profunda pessoa
do plural.”

Thiago de Mello

As solidões possíveis

Hoje a sociedade impõe a padronização dos relacionamentos, da violência, a vida que regressa à sua origem de insensatez e cautérios. O escape da impulsividade, da velocidade, a procura por significações, simbologias, para que o ânimo supere a indiferença e para que, paradoxo, exista a possibilidade de continuar, e isso só é lícito por meio do próprio homem. Mesmo que esse ir adiante signifique apenas isso. E nem relancear o passado.

Este romance da Carla me ganhou desde o início, com seus diálogos judiciosos, uma imagem belíssima moldada por personagens corriqueiros: isso é grande literatura. Aqui há solidão, desesperança, amizade, arte, intrigas, mas tudo permeado de uma ironia refinada, de dúvidas e da presença da cidade grande, esse mito aterrorizante que constrói individualidades asfixiadoras.

De desajustados, Kalé, Alice, Paulo, até que... Não, não vou contar o final, mas é isso: egoísmos. E daí para as pessoas se usarem é simples, sem maiores traumas, pois amanhã é outro dia, levanta, sacode a poeira, e depois quem disse que o trabalho não serve para nada? Na busca de si, o que não importa é o outro, mera pedra (necessária) no percurso.

E um escritor que faz da menina intrigante o seu laboratório.

E no desespero aceitam a conveniência, lógico que almejando uma proximidade a que são obrigados, já que sob único teto, e não é isso dizer o contrário do que se pensa, e não é justamente o que fazemos todo dia? É anacrônico, feio, nossos amigos vão rir da nossa cara, não dá para falar de amor, de outros romantismos, e o que discutir sobre a crença em alguém? Estamos ali, mentimos: estou entregue, outras asneiras, mas aguardando atento o bote, que, pior, virá. Mas vem porque nos dispomos a isso, a traição provocada, para então aguardarmos regozijados a canonização. Viu?, eu estava certo o tempo todo.

A valorização da dor, essa expiação necessária.

E o suicídio, nisso concordo com Camus, é a única discussão relevante; é preciso cuidado com essas pessoas sorridentes. Ele está aqui, como uma saída – a mais desesperada –, mas ainda sim presença constante, nem como assombrando, mas descortinando um novo e empolgante trajeto, ainda que eternamente desconhecido.

E é mais, é o desconhecimento que motiva os personagens, é em função dessa obscuridade que são justificadas as atitudes, não importam as consequências; é o empirismo fundamental ao crescimento, assim acreditam, e depois o que é um valor diante da vida, essa coisa pulsante que exige mais vida para então reclamar mais vida?

Velocidade. Que motiva a vontade de presenciar o futuro hoje, amanhã tem de ser agora, queremos fazer parte do amanhã, é imperioso que este momento seja vivido ontem e que o pé encravado no acelerador nos conduza a um lugar novo a cada curva, e que mesmo em linha reta a paisagem transmute constantemente à nossa volta: novidade. E conhecer uma pessoa é cair no cotidiano, é saber conhecedor de todos os acessos e não é possível se permitir a intimidade. É o descartável.

A saída é a solidão.

Ou melhor, nem ela, já que a Internet está abarrotada de casos amorosos. É preciso reciclar também as pessoas, satisfazermos-nos com a superficialidade. Alice capturando imagens, a ânsia de eternidade, tão intrínseca em cada um, também aqui, nessa voracidade, é urgente que filme, que colecion suas fitas, que as reveja, as estude, que sofra com a durabilidade de algo e assim tente parar um pouco essa máquina que consome velocidades.

É sofrido se relacionar. Mas é preciso. Carla jamais escreveria este livro sem a ajuda de outras pessoas, e não dá para passarmos como meros espectadores, pois o mundo exige que participemos de sua coreografia, e resta-nos ditar o ritmo dessa dança imprecisa e cotidiana

Whisner Fraga

Engenheiro e escritor, publicou diversas obras, entre elas os livros de contos *Coreografia dos danados* e *A Cidade devolvida* e o romance *As Espirais de outubro*.

Os estranhos

*Uma chuva é íntima
Se o homem a vê de uma parede umedecida de moscas;
Se aparecem besouros nas folhagens;
Se as lagartixas se fixam nos espelhos;
Se as cigarras se perdem de amor pelas árvores;
E o escuro se umedeça em nosso corpo.*

Manoel de Barros

Quanto a não se render...

Há quem não caiba no mundo por não saber seguir as regras, ou até mesmo se valer da correnteza a fim de descobrir outros lugares. São pessoas que se inquietam tanto que praticamente perdem a ligação com o cotidiano e passam a temer aquilo que, na realidade, já conquistaram.

Valorizar o universo criado a partir do medo de compartilhar as próprias experiências é algo mais comum do que imaginamos. Trazer à luz do dia as emoções, concretizando-as através dos atos de entrega, pode não fazer parte do vocabulário de todos nós.

Há aqueles que não se adaptam às manifestações mais simples de afeto e companheirismo e que pensam que tudo o que é possível ser vivido sem ser tocado será eterno e verdadeiro. Mas as batalhas interiores, guerras travadas entre alma e decisões acertadas, elas sim coordenam o desfecho de todas as histórias.

No final, somos marionetes dos nossos próprios sentimentos.

O convite

*“Não sei se o sonho que tenho
É o sonho que sonho.*

Daniel Mazza

No primeiro momento, foram suas mãos que me chamaram a atenção. Grandes, dedos compridos, lembrando galhos ao apontarem para as páginas do livro. Então, a imagem me fisgou. Depois, veio a observação num todo: ele em pé, ilhado por pessoas apressadas em resolver as próprias diferenças com a livraria. E as mãos... Folheando páginas, enquanto a gravidade da sua presença inibia aqueles que tentavam, em vão, chegar à prateleira defronte a qual ele estacionara. Ninguém o abordava, pedia licença. Ninguém o interrompia. Ninguém o alcançava.

Não lhe importava atrapalhar as pessoas. Eu o observei da fila do caixa durante um bom tempo. Atento à leitura, era como se para ele mundo não existisse, senão aquele sendo sorvido das páginas do livro. Um homem e um livro. Combinação que me levou a refletir profundamente sobre a melancolia e a solidão, temas sedutoramente complexos.

Falo sobre a primeira, mas não a última vez que o encontrei. Meus encontros com o homem da livraria começaram por acaso, como se ao percebê-lo, eu tivesse desencadeado entre nós uma sintonia com vontade mais do que própria. Eu também o encontrei na lanchonete onde costumo tomar o café da manhã. Ele estava lá, sentado num canto, envolvido com a leitura como se o tempo não importasse. Às vezes, fazia anotações, caneta escorregando, com elegância, sobre o papel. Sentei-me por perto dele e pedi algo para comer. Disfarce. Fiquei na presença dele cerca de meia hora; eu e a visão daquele homem que sabe folhear um livro. Novamente um livro. E um homem. Uma pessoa. O que havia de tão especial naquelas páginas era a interrogativa que desdenhava de mim. E no meu dentro: alegoria. O significado disso tudo? Sabe lá.

Há anos eu me sinto um saco cheio de fragmentos do que sou e incapaz de juntá-los, encontrar a figura apropriada para representar o meu todo. Minha função? Eu e minha câmera registramos depoimentos pessoais, quase sempre de desconhecidos. Por falta de argumento, decidi adotar a definição de que sinto a necessidade de compreender algo que não sei explicar. Talvez não seja uma explicação, mas uma declaração redundante, porém ela quase sempre funciona, estanca a completa inexistência de um porquê. Funciona para acanhar a sensação de desajuste. E, então, vem este homem e me inquieta. Desembrulha meus fantasmas.

No dia da livraria, paguei a conta e não saí de lá sem dar uma última olhada nele. Ainda lia. Fui embora, mas levando comigo a imagem daquele que tinha sempre os olhos voltados para as histórias de outros. Senti um misto de fascínio por saber dele e decepção por ele não saber de mim. Apreciei a oportunidade de, na observância do momento, divagar na falta de importância dos fatos. Ciência. Por ter ficado a sós com a curiosidade sem resposta.

O encontro que nos apresentou aconteceu num ponto de ônibus. Meu carro estava na oficina e eu voltava para casa depois de um dia difícil no trabalho. Eu o vi, há alguns passos de mim, equilibrando-se nas pontas dos pés. Outro alguém tentando saber quando o ônibus daria sinal de chegada. Cruzamos os olhares. Um frio na espinha me incentivou a sustentar o dele. Mesmo havendo muitas pessoas no ponto, foi como se algo palpável, uma linha invisível, porém concreta, nos ligasse. A sensação me assustou e ao mesmo tempo assanhou ainda mais minha curiosidade sobre ele. E ela nunca foi singela. Sou das curiosas descaradas.

Percebi quando ele deixou de somente pensar a respeito e deu o primeiro passo em minha direção. Eu o olhei diretamente nos olhos, crente de que havia algo ali para mim, mas sem saber dizer o quê. Eu acompanhei a aproximação como que flertando com a indiscrição. Não se tratava de atração física, este impulso que vai do amor ao ódio com uma facilidade que assusta. Era diferente... Mais intrigante. Intraduzível.

Parou defronte a mim, seriedade exposta no semblante. E eu mantendo a compostura. Disse que se lembrava de mim da livraria e concordei com um gesto desajeitado. Encaramo-nos por alguns segundos. Ele estendeu a mão:

— Kalé...

Segurei a mão dele. Sorri, educada, enquanto os pensamentos se embarralhavam na minha cabeça.

— Alice.

Não sou sociável. Não tenho talento para trazer pessoas à minha realidade. Falta-me refinamento quando se trata de encontrá-las e trocar figurinhas sobre quem fomos e somos. Sobre quem nos tornaremos. E a fé nessa engrenagem falta-me. Falta-me o gosto pelo aprimoramento de como adentrar o universo alheio só para plantar a possibilidade de conquista de afeto. De cultivo de relacionamento. E ainda assim, lá estava... Eu dando

crédito a um estranho, de quem as mãos, enquanto guias do olhar seduzido pelas páginas de um livro, encantaram-me. Encheram-me os olhos.

Silêncio contínuo. E nós, um ao lado do outro, efígies do que virá. O mundo acontecendo ao nosso redor, enquanto burlávamos a coincidência. E o tempo passando na calada do meu desajeito. Foi ele quem quebrou o silêncio.

— Onde você mora?

— No bairro dos artistas... — nunca a minha localização saiu de mim tão fácil.

— Que tipo de artista você é?

— Não sou artista. Meu irmão era. Eu morava com ele, mas agora ele mora em outra cidade, cuida da nova carreira — e ainda o mistério sobre como ele arrancava informações tão pessoais de mim, assim, sem o menor esforço.

Eu simplesmente sabia que ele pensava em algo que eu era incapaz de alcançar, porque me olhava como se unisse peças. “Os fragmentos são meus!”, repeti em mudez revirada.

— Sua casa tem quantos quartos?

A pergunta me pegou feito susto. Como assim? Quantos quartos?

— Dois... Por quê?

— O que acha de alugar um deles para mim?

Meu sorriso: debochado. Incrédulo.

— Desculpe — coração disparado —, mas não estou alugando...

— Sou escritor, Alice. — Olha-me bem dentro dos olhos, paciente, inabalável. — Moro em uma pensão bem barulhenta e não consigo me concentrar. Preciso terminar um livro... É importante fazê-lo em um lugar tranquilo. Na verdade, só conseguirei chegar ao final dele se encontrar esse lugar... E essa tal de tranquilidade.

Durante algum tempo ele foi meu amigo... Aurélio era o nome dele. O Aurélio foi uma dessas pessoas que passam por nós, mas não ficam. Somem, sem mais nem menos. Desarrumam tudo na gente e depois partem, deixando a autoarrumação por nossa conta. Porém, foi um bom amigo durante o tempo que ficou. Ele costumava me chamar de aparvalhada, por causa da mania de colocar a mim mesma em situações difíceis, comprometedoras.

No momento em que me dei conta de que era assim que eu funcionava, ele se foi. Sorriu, nem acenou. Partiu.

A pergunta suspensa pariu uma série de olhares desconcertados. Olhares meus lançados a um Kalé tão sereno que metia medo. Ainda assim, a fascinação apunhalava a razão, em uma opereta frenética sobre sustos e desassossegos. A proposta inusitada e sem pé nem cabeça me tirou da letargia e acenou com o perigo. E ele ainda me olhava daquele jeito: precipício? Labirinto? Lar? E sei lá por que sentia que negar o pedido de Kalé seria o mesmo que negar a mim o direito de desfrutar da novidade da mudança. E nem mesmo a voz do Aurélio batucando na minha cabeça “aparvalhada, minha querida tola, Alice, sem país nem maravilhas e que se embrenha na possibilidade de ser atrevida demais da conta”, nem mesmo essa reza parecia capaz de me proteger do desfecho.

E Kalé aguardava minha resposta como se não houvesse tempo passando. Permanecendo silente e me encarando como que permitindo a mim ter acesso à compreensão de que posso com isso; com o inusitado, o inibidor. Refleti sobre como andava a casualidade nossa, os arremedos de coincidências e percebi o despertar de certo fascínio pelo incógnito. Pelo ignorado, porém existente. Dei-me conta de que desejava aquilo. Desconhecer o desfecho.

Um passo em direção à mudança

*“Reconhecer o nada imerso no nada
O talhe branco no branco
A palavra escondida na palavra
A gota submersa no rio
Os contornos são a memória dos cegos”*

Whisner Fraga

Há uma semana em meu apartamento. Inquilino. Parênteses no meu cotidiano. Às vezes, eu enlouqueço com a ideia de um desconhecido vivendo em casa, e tento me convencer de que estou sendo prestativa. Ajudando alguém em dificuldades. Filantropia à parte, também estou ciente de ter cometido uma imprudência e tanto; de que a minha aceitação é mais um risco do que prestar um favor a um desconhecido. Ainda assim, foi muito fácil aceitar a proposta. Não sei se pelo quê de jogo, de incitação, mas com certeza pelo mistério que me fascina, largamente.

No desértico cotidiano no qual venho me esbaldando nos últimos anos, a presença de Kalé chega feito bálsamo, apesar de ele ter se mostrado outro depois da mudança. Eu o vejo menos do que na época em que ele morava em outro lugar e nos esbarrávamos por aí. A porta do quarto dele vive fechada e de lá ele só sai quando necessário. E ao nos encontrarmos, ele não se comporta como alguém que divide a mesma casa comigo, mas sim como se eu não existisse. Nada de bom-dia, boa-tarde ou boa-noite ou de conversar sobre como andam as coisas depois que o elevador quebrou, nem de se informar sobre o dia de colocar o lixo para fora. Não há parceria. Eu não existo para ele. Dividimos despesas e isso me ajuda, mas ter somente isso me inquieta. Indiferença não é bom de se engolir, e Kalé me parece mestre em aplicá-la. Às vezes, eu me esqueço da presença dele. Tenho a impressão de morar com uma personagem criada por mim. Alguém que saiu da minha imaginação e que ninguém mais pode ver.

Nesta manhã cinza eu acordei com a síndrome da limpeza. É como se tirar pó, perfumar a casa, enfim, lustrar o tempo, seja capaz de preencher um naco do vazio que me engole. E Kalé resolveu sair da toca... No começo acenou sua presença com um “bom-dia” desbotado, mas logo depois se juntou a mim, aos baldes e aos produtos de limpeza. Sorriu, pela primeira vez, na minha presença.

— Achei que pagássemos a alguém para cuidar da limpeza...

— Pagávamos a outra pessoa... — sorriu amarelo —, mas hoje pagamos a mim.

Ainda sorrindo.

— Precisa de dinheiro?

— Preciso é que você não fique transitando pela casa... E prefiro eu mesma cuidar da limpeza — sem graça.

— Está bem — tira a vassoura da minha mão. — Eu ajudo, mas só hoje. Preciso ficar um pouco longe do trabalho.

— Você quem sabe.

Passamos horas limpando chão, janelas, lavando azulejos. Brincando de casinha? Kalé não disse uma palavra, nem mesmo na parada que fizemos para o almoço. Eu o observava de vez em quando, procurando uma pista sobre o que acontecia, e nada. Não sei do que se trata. De quem. Quero uma conversa, mas por onde mesmo devemos puxar o fio e desfiar o assunto? Sinto-me impotente e ele me resgata ao começar a falar antes que eu desista de saber dele a existência.

— Há quanto tempo você mora aqui?

Fala comigo, mas não me olha, enquanto enxuga a louça que eu lavo.

— Quatro anos...

— É um bom apartamento...

— É sim...

— Em que você trabalha?

— Sou secretária de uma empresa de cosméticos.

— E...

— E? — dou de ombros. — O que quer saber?

— Gosta do que faz?

— Não... — não hesito em admitir. — Meu trabalho me aborrece, além do que não acredito em benefícios ao fazer o que não gostamos. Sei que a vida quase sempre não acontece de acordo com as nossas vontades, mas não facilita trabalharmos com o que desgostamos, sabe?

— Você acha que não funciona?

— Ah, funciona... A maioria das pessoas trabalha no que não gosta. Trabalha desgostando... Mas funcionar nem sempre basta... É como viver a vida pela metade.

— É o que você faz? Vive a vida pela metade?

Paro de lavar e o prato bamboleia na minha mão. Olho para ele que me encara.

— Por ora, sim...

— E o que mais você faz?

— Trabalhar não é o suficiente? — gracejo na tentativa de estancar o desajeito.

Curioso, percebo Kalé buscar declarações no meu semblante. Volto aos pratos, copos, talheres e panelas, mas ele não. Ele coloca o pano de prato sobre a pia e fica zanzando pela cozinha, pensativo.

— Você deixou alguns DVDs espalhados pela sala na noite passada...

O meu silêncio pesa. É quase concreto. Viro-me para dar de cara com ele, que me encara, à espera de um comentário reflexivo. Eu penso a respeito, fantasio situações embaraçosas e sinto minhas faces avermelharem. Busco o fôlego e encontro o embrulhamento no estômago.

— E chegou a assistir a algum?

Pergunto. A voz rascante. Kalé faz um gesto afirmativo.

— Eu pensei que fossem filmes, sabe? Hollywood...

Retomo a conversa, mas gaguejo.

— Mas não os assistiu ao perceber que não eram filmes... De Hollywood... Certo?

Silêncio.

— Fizemos um trato de não nos intrometermos um na vida do outro...

— Achei muito interessante... Não consegui parar de assistir.

— Você quebrou esse trato, Kalé! Por quê?

— Aquele homem que fala sobre a lenda...

Kalé me encara e se cala de imediato. Percebe que estou perdendo a compostura, deixando a obrigação de ser simpática de lado por me sentir invadida. Mas não se cala por zelo e sim para observar, atentamente, o meu desagrado. E não esconde isso. Seu olhar não esconde.

— Eu não acredito que mexeu nas minhas coisas! — explodindo. —
Achei que tivéssemos combinado de um não vasculhar as gavetas do outro...
— Mas os DVDs estavam ali, disponíveis...
— E daí?

Ele nem me dá atenção e continua falando.

— Gostei daquela parte em que o tal homem diz que...
— Esqueça, por favor! São registros particulares... E eu devia tê-los guardado, eu sei! Mas não tê-lo feito não lhe dá o direito de assisti-los!
— Aquele homem fala através de metáforas... Era, na verdade, um especialista em metáforas, porque quando...

Ele pouco se importa em ser intrometido, desrespeitoso. Sequer se abala com o meu desajeito. O embaraço é meu e ele não se preocupa com isso. Volto a falar. Nó na garganta.

— Ele é especial... Espero que compreenda como as palavras dele expressam sentimentos raros.
— É poesia, Alice? — cínico.
— Eu não sei... — honesta.
— São documentários?
— É apenas um *hobby*.
— *Hobby*? — arqueia as sobrancelhas em sinal de desconfiança. — Você filma pessoas falando sobre os próprios delírios por *hobby*?

Sarcasmo? Talvez um pouco, a gotícula naufragando no mar, mas está lá. Ele compoendo a própria performance e se valendo de raspas da minha individualidade.

— Eu gosto muito de filmar — meu tom de confissão... — Sou uma cineasta que começou ao contrário... Não dei certo antes mesmo de tentar. Mas venho filmando pessoas que despertam em mim algum tipo de interesse... Depoimentos pessoais são interessantes.
— Você acha pessoas meio malucas interessantes? — ironiza. — Afinal, o depoente é paciente de uma clínica psiquiátrica!
— Também leu a ficha técnica? — irritada.
— Claro!

Cruza os braços. Aguarda a continuação da minha confissão.

Que pessoa é essa que invade meu mundo e ainda exige respostas? Diverte-se, mas sem frenesi, com a minha inabilidade em responder perguntas sobre minhas filmagens.

— O que você sabe sobre a loucura, afinal? Já estive num lugar como aquele para escutar o que aquelas pessoas têm a dizer? Elas não são convencionais, mas existem!

— São pessoas doentes, Alice...

— Aquele homem estava abalado porque a vida dele foi virada ao avesso de uma hora pra outra. Algumas pessoas não suportam mudanças... Ele não suportou!

— E você queria entender por que ele não suportou? É isso?

— Talvez... Não sei...

— E ele alega que vive ao gosto das sombras das árvores, que empalidece quando entra em túneis; dizer que as pessoas não sabem viver porque não gostam do perfume das bromélias... Que perfume é esse? É? Tem? E a infinita tristeza que ele sente que, frequentemente, se sente na presença dele e conversa sobre nada, durante horas? — Dá um passo adiante, aproxima-se de mim. — O que você aproveita disso tudo, Alice?

Finco meu olhar no dele, homem calmo contrastando com a mulher nervosa que sou. Congregando com a individualidade logo depois de perdê-la. Não gosto de comentar sobre minhas filmagens. Prefiro que elas fiquem ausentes dos outros, pois elas são minhas. Somente minhas.

— Eu gosto da subjetividade...

Tolamente, termino a conversa. Volto para a louça, ela sendo minha desculpa funcional para o constrangimento. Durante alguns minutos, eu e Kalé nos separamos, como se estivéssemos cada um em um planeta. Permaneci na cozinha e ele foi para a sala. Mas então voltou, manifestando sua presença ao pegar suco na geladeira. Sentou-se à mesa, serviu-se e bebeu o líquido amarelo em goles compassados.

Pausa. Ação.

— Foi por isso que aceitou tão fácil que eu me mudasse para cá? Alguém que você nunca viu antes e que pode muito bem ter sérios problemas emocionais?

— E quem não tem? — sussurro, em confissão a mim mesma.

— Porque...

E o calo com um olhar.

— Por que gosto de filmar delírios alheios? Por que a loucura me atrai? Não, definitivamente não.

— Então, por quê?

— Eu precisava de dinheiro e a sua proposta me pareceu adequada e...

— Instigante?

O escárnio na voz de Kalé, manipulado para ser surpreendente. E o é... Surpreendentemente dolorido.

— O que quer dizer?

— Não podemos confiar naqueles que já conhecemos quanto mais em estranhos. Confesso que fiquei surpreso quando aceitou a minha proposta.

— Está sendo ruim para você?

— Eu poderia ser um maluco qualquer e...

— Se você planeja me roubar ou matar, faça isso sem me avisar. Eu prefiro a surpresa e fico muito alterada quando acabo sabendo das coisas antes da hora. Detesto sofrer antecipadamente.

— Claro... Eu não queria irritá-la, desculpe — meiosorriso, quase ao tom do deboche.

Não, não tirei isso de mim. Meu irmão sempre vinha com essa quando eu estava afobada demais com alguma coisa. “Detesto sofrer antecipadamente.”

Mais tarde, eu e Kalé nos encontramos à mesa do jantar. Calma, mas não tranquila, atrevi-me a questionar antes que ele se tornasse o inquiridor.

— Kalé é mesmo o seu nome?

Lança o olhar por cima dos meus ombros.

— Você devia ter feito essa pergunta quando resolveu alugar o quarto para mim. E também verificado o número dos meus documentos, atestados e comprovantes de que eu sou um cidadão honesto.

— Vai insistir nisso? — irritada. — Quer que eu peça para que saia da minha casa e leve seus papéis com você? Achei que precisasse de um lugar onde ficar...

— E preciso...

— Então é melhor pararmos com essa conversa...

Copos sobre a mesa e tilintam dissabores. Eu me empolgo.

— Desacredito qualquer método com a função de avaliar o outro. Já perguntei muitos nomes, solicitei diversos documentos e nem por isso fui poupada de ser passada para trás. E ainda tem minha fama: inconsequente. Não é sempre que me atrevo a ser inconsequente. Na maior parte do tempo, a fama não é devida. Então, capricho quando devo sê-lo, que é para valer à pena.

Ele me encara. Diverte-se com meu depoimento desandado.

— Sim, é o meu nome.

— Ótimo, era só o que eu queria saber.

— E o seu é Alice?

— Por que não seria?

— E por que o meu não seria Kalé?

— É um nome diferente — amanso. — Será que você nunca foi curioso nesta vida?

Ele resolve me dar folga. Dividimos a mesma mesa do jantar e conversamos sobre banalidades. Kalé alegre e eu também, consequência do vinho que decidi abrir, aquele que ficou anos à espera de uma ocasião que o merecesse. Foi ele quem fez o trabalho sujo e nos poupou da necessidade de ficarmos sóbrios.

Ainda não sei qualquer coisa sobre Kalé e faço questão de que continue assim. Gosto do mistério e quero mantê-lo, mesmo que ele dê em lugares que me amedrontem. Cultivei certa expectativa de encontrar Kalé todos os dias, com a mesma disponibilidade em abrir uma garrafa de vinho e me fazer companhia. No entanto, depois daquela noite e durante mais de um mês, eu me encontrei apenas com a porta do quarto dele. Fechada. Sempre fechada. Repelindo-me.

Pessoas

*“O mundo é grande e cabe
nesta janela sobre o mar.
O mar é grande e cabe
na cama e no colchão de amar.
O amor é grande e cabe
no breve espaço de beijar.”*

Carlos Drummond de Andrade

Estou no bar com alguns amigos do bairro, pessoas que eu conheço porque meu irmão — ao desistir da carreira de ator e tentar a vida no campo imobiliário, em outra cidade — fez questão de que eu tivesse muitos contatos, caso precisasse de alguma coisa e ele não estivesse por perto. Enfim, eu tenho amigos que me foram emprestados e vinha convivendo bem com isso, até agora.

No meu bairro as notícias voam e os curiosos logo se propõem logo a articular sobre as tais com um apego vertiginoso. E a notícia que anda abalando o cenário, no momento, é sobre um homem que se mudou para a minha casa e do qual nada se sabe, apenas se especula.

A princípio, as perguntas foram indiretas, nada explícitas. Mas como o tempo cuida da grandeza das coisas da vida, a curiosidade superou os bons modos e a história veio à tona nesta tarde ensolarada de domingo, que deveria ser um dia tranquilo, quando tudo o que nos resta a fazer é esperar que ele acabe, sentados na praça, trocando ideias... Fúteis.

Na lanchonete de sempre, bebemos as bebidas de sempre. Mas o assunto não... Este é bem diferente. Alex é quem cobra uma resposta sobre quem é Kalé.

— Kalé... Eu já disse o nome dele mais de uma vez.

— O tal... — Alex resmunga.

— O que há? Sou eu... A Alice... Por que o interrogatório?

— Aquele homem — Mariana começa a falar —, aquele que mora com você...

— Vocês sabem o nome dele, portanto não banquem os desentendidos e perguntem logo!

— Fale sobre ele...

— Alto, nunca reparei na cor dos olhos nem dos cabelos...

— Você mora com ele! — quase aos gritos. — Fale um pouco sobre o que acontece no seu apartamento. Como é esse cara, o que ele quer... O que vocês fazem juntos! Desembucha!

Um minuto de silêncio. Sabe o que é suportar um minuto inteiro do mais sólido silêncio? Aquelas pessoas com seus olhos esbugalhados querem saber; querem ter o que contar para os que não estão presentes. Quando as pessoas ficam curiosas demais, elas parecem cachorros raivosos, babando, prontas para o ataque. E ao olhar para elas com seus sorrisos ansiosos, percebo que o melhor é ficar bem quieta.

— A vida do Kalé não é da minha conta ou da de vocês. Além do mais, não permito este interrogatório. Não quero participar disso.

— Deixa disso, Alice! — Mariana ironiza. — Você é uma secretária que fica filmando malucos e ele um escritor bizarro que não conversa com ninguém, que é cheio de mistérios... Você anda filmando o tal Kalé? Vocês andam aprontando alguma coisa maluca?

— Vocês são doidos! — sorrio nervosamente. — Eu aluguei um dos quartos do meu apartamento, porque preciso de dinheiro, e vocês acham que estou o quê? Brincando de esconde-esconde com alguém que acabei de conhecer?

Levanto-me, pronta para ir embora, mas Alex sussurra meu nome. paro e me viro, encaro aquelas pessoas que me observam com escárnio; percebo que os amigos podem ser bem cruéis quando são emprestados.

— Se você souber de algo interessante, conta pra gente. Afinal de contas, somos seus amigos, estamos aqui pra dividir tudo com você...

Alex sorri a necessidade de saber sobre.

— Meus amigos? Então, por que será que sinto calafrios quando estou com vocês?

Vou embora sem olhar para trás, experimentando o gosto da veracidade que há na sensação de que aquelas pessoas jamais quiseram de mim um pouco que fosse da minha amizade.

Com o passar do tempo, o fato de Kalé morar comigo e eu nada dizer sobre ele aos meus pseudoamigos fez com que aquela gente me tratasse com desprezo, como se eu não merecesse tê-los como companhia. Uma inversão de papéis, eu suponho.

Os boatos correm soltos e, às vezes, eu os ouço serem declamados às minhas costas, quando vou à padaria ou à banca de jornal. Dizem que eu e Kalé somos cientistas malucos e que fazemos experiências com seres humanos, tentando torná-los loucos para que possamos filmá-los e depois assistir às tais filmagens, no sábado à tarde, enquanto comemos pipoca. Boatos transformados com o tempo. E minha intuição está em alerta, pois não posso mais ficar à mercê da-

quela gente. Aos poucos, me distancio deles, passando cada vez mais tempo em casa. Não foi difícil me ausentar dessas pessoas que faziam parte da minha biografia por conta do zelo de um irmão que decidiu partir.

Parei de filmar depoimentos e caí numa fase de ausência de mim, mas nada que não pudesse suportar. Acostumada a não ter amigos, formei minha opinião sobre relacionamentos humanos: raramente são bons. Então, para que insistir em tê-los e compreendê-los?

Dia do meu aniversário. Fiz um bolo, coloquei velas e tudo. Cantei “parabéns pra você...” para mim, desejando felicidades, fazendo festa. Dancei durante horas, esvaziando duas garrafas de um bom vinho. Nada como uma boa desculpa para extrapolar. Experimentar as beiradas do limite.

Acordo, jogada no sofá, e com Kalé me estendendo uma xícara de café bem forte.

— Você deu uma festa e não me convidou.

Ele está sereno.

— Festa de aniversário... Não pude convidá-lo já que você não sai do quarto e fez com que eu promettesse nunca bater na porta.

Tomo um gole do café e dou um tempo até me situar. Kalé se senta na poltrona, defronte a mim. Parece tão lúcido que me dá raiva. Estou em desvantagem.

— Estive ontem naquela lanchonete que você frequenta...

— Bom pra você. É interessante imaginá-lo num lugar cercado de pessoas, não de livros. É excitante pensar a respeito.

— Por que a ironia?

— Não é ironia... É a mais transparente verdade. Você não é de lugares públicos, é?

Ele não responde. Lúdico.

— Encontrei alguns dos seus amigos lá. Eles vieram falar comigo e me perguntaram sobre você... Estão preocupados com o seu sumiço.

— Não tenho amigos... — declaro veementemente.

Levanto de um salto cambaleante. Vou até a cozinha e coloco a xícara sobre a pia, depois caminho rumo ao meu quarto. Kalé me barra antes de eu chegar lá.

— Por que você parou de encontrá-los?

— Eles são chatos, mesquinhos e sou eu quem paga a conta no final da noite, já que nenhum deles trabalha.

Ele não desiste... Quer saber de mim o que eu não quero revelar.

— O que eles querem de você?

Suspiro profundamente e sinto certo alívio depois do feito.

— Quer saber? Eles não são meus amigos... São amigos do meu irmão. Eles não sabem nada sobre mim e não querem saber se não for algo bem curioso, que possa causar excitação naquele bando de idiotas. Nada em mim está bom para eles... Os meus cabelos, o meu jeito de andar e falar, o meu trabalho, tampouco o fato de eu não depender deles. Eu fiz parte daquela turma porque eu não queria chatear o meu irmão. Só que agora eu não me importo mais, talvez por alguma intervenção divina que defendeu a minha sanidade. E hoje é sábado... Eu quero aproveitar o dia e me aprontar para sair à noite.

— Esquece...

— Por quê? — indignada com a ousadia dele em censurar minha vontade.

— Porque você dormiu o dia inteiro e não tem muito da noite para ser aproveitada.

Vai até a janela e abre as pesadas e escuras cortinas. Está escuro.

— Que horas são? — confusa.

— O que acha de quatro da madrugada do domingo?

— Eu dormi tanto assim?

— Não se bebe duas garrafas de vinho com garantia de se manter no tempo dos homens.

— Droga! — sussurro.

Desvio de Kalé e sento no sofá. Enfezada comigo por ter enchido a cara e me permitido ficar tão esgotada a ponto de dormir demais. Não que toda noite de sábado seja uma festa, mas eu queria poder sair de casa e evitar que aquela conversa se aprofundasse.

— Eles estão prejudicando você por minha causa?

— Não! — quase grito. — E eles não são meus amigos! Nunca foram! — Levanto e fico andando de um lado para outro. — Por que é tão difícil de entender que eu não tenho amigos e gosto disso? Eu quero ficar bem longe deles.

— Por quê?

— Eles me assustam! A crueldade deles me assusta.

Novamente, tomo o rumo do quarto. Paro antes de chegar, giro nos calcanhares e encaro Kalé.

— Eles dizem que estamos fazendo experiências malucas aqui — dou alguns passos em direção a ele e paro. — Já cheguei a desejar que isso fosse verdade, só para que eles estivessem certos e eu não precisasse detestá-los por ser o objeto da tolice deles. Todas as pessoas do bairro me olham como se eu carregasse a poção mágica que irá fazer com que as suas gargalhadas venham à tona. Além do mais, que experiências seriam essas, afinal? Nunca fui muito criativa e o máximo de contato que tenho com você são alguns esbarrões. Aposto que você também não gostaria de ter amigos assim, débeis e interesseiros. Cruéis, muito cruéis.

Vou para o quarto e fecho a porta. Tomo um banho demorado. Depois, vou até a cozinha pegar um copo de água. Kalé prepara um lanche e me oferece. Aceito e comemos em silêncio. O dia se apresentando, através da janela escancarada.

— Vou viajar por alguns dias — informa.

— Bom pra você — falso escárnio com verdade de saudade antecipada.

— E quero que saiba que nunca, em hipótese alguma, você deve se desentender com as pessoas que fazem parte da sua vida por minha causa. Eu não represento nada na sua história, Alice. Eu apenas aluguei um dos quartos do seu apartamento e divido contas com você. E mais nada. Não se desfaça de algo mais valioso do que isso por conta do que pensa que pode vir a acontecer entre nós.

— Não imagino a vida sem essa coisa entre nós — pretensa zombaria. — Ainda bem que existe cicuta... Ácido lisérgico serve...

— Não tem graça...

— Eu não perderia nada por você, ainda mais se fosse valioso — sorrio, desapontada. — Não precisa achar que é por você, porque não é. E o que espero de você é isso mesmo: que pague a sua parte das contas.

— Apenas quero...

— Não, você não quer, mas eu quero... Tenho o direito de querer ficar bem longe daquelas pessoas. Não tem a ver com você, mas sim comigo. Não dê a si mesmo tanta importância.

Boa noite nesse dia. Nem tão boa assim. Ele me lança um olhar indecifrável que se agarra em luta ao meu, impaciente. E então, levanta-se e vai para o quarto, batendo a porta ao fechá-la. E eu só consigo resmungar, ainda mastigando um pedaço de pão, pensando em uma forma extraordinária de derrubar aquela porta. Mas nada acontece. Eu não reajo. Tudo continua imóvel. Dócil. Patético.